Capítulo 66

Brasil: a crise da colonização (1789-1808)

Podemos entender o período entre 1789 e 1808 como uma fase crítica do regime colonial, por causa das contestações que sofreu e dos reajustes econômicos e administrativos. Foram dois os fatores principais a indicar a necessidade desses reajustes:

- o receio de Portugal de que o Brasil levasse adiante seus anseios de independência, identificados em rebeliões como a Inconfidência Mineira, em 1789, e a Conjuração Baiana, em 1798;
- novo direcionamento das atividades econômicas, com a crise da mineração e o breve retorno da prosperidade agrícola.

1. Primeiras rebeliões

Além da Guerra de Palmares (1630-1695) e da Guerra dos Emboabas (1708-1709), outras rebeliões coloniais antecederam a Inconfidência Mineira e a Conjuração Baiana. Estas puseram em xeque todo o sistema colonial, caracterizando a crise do Antigo Regime. As rebeliões que as antecederam, episódios mais localizados, contestaram alguns aspectos da colonização.

Revolta de Beckman (Maranhão, 1684) — A economia voltada para a exportação e a conseqüente falta de alimentos tornava a vida difícil. As dificuldades ficaram insuportáveis no Maranhão em fins do século XVII. Os colonos queriam ver pelas costas ou de preferência mortos, dois inimigos: os jesuítas, que se opunham à escravização dos índios; e a Companhia de Comércio, que monopolizava a compra e venda de mercadorias. Como se não bastasse isso, a Companhia só comprava produtos que lhe dessem muito lucro e vendia artigos caros e ruins. Estava difícil conter a revolta.

No dia 24 de fevereiro, sexta-feira de Passos, o povo aproveitou a festa para dar vazão ao descontentamento. Na ausência do governador, os rebeldes prenderam seu substituto e foram acertar contas com os jesuítas: derrubaram o portão de seu colégio, invadiram dormitórios, ofenderam os padres e profanaram o oratório. Faltava a Companhia Geral do Comércio do Maranhão. Os populares saquearam-lhe os armazéns e destruíram tudo o que encontraram pela frente.

Nesse levante, assumiram posição de liderança os irmãos Beckman, Manuel e Tomás, grandes proprietários rurais. Já fazia quinze anos que Manuel manifestava oposição ao governo, à Companhia e aos jesuítas. Por isso, os rebeldes o puseram à frente da *Junta Revolucionária.*

A metrópole reagiu um ano depois, com violência. Enforcou os chefes do movimento e assumiu o controle absoluto da capitania.

Guerra dos Mascates (Pernambuco, 1710) — Olinda e Recife eram famosas pela rivalidade. Na primeira, moravam ricos fazendeiros; na segunda, os comerciantes, chamados pejorativamente de mascates pelos aristocratas. Olinda era vila, tinha Câmara Municipal e pelourinho, o poste na praça que servia para torturar escravos e criminosos. Recife tinha de pagar impostos a Olinda.

Com o crescimento do comércio, Recife se desenvolveu mais que Olinda e a metrópole atendeu sua reivindicação de tornar-se vila. Os fazendeiros de Olinda não gostaram. Invadiram Recife, destituíram o governador e derrubaram o pelourinho. A luta durou quase um ano e acabou com a intervenção da metrópole, quando os fazendeiros de Olinda começaram a falar em rompimento com Portugal e proclamação de um governo republicano. Daí em diante, Recife consolidou posição de destaque em relação a Olinda.

Rebelião de Filipe dos Santos (Vila Rica, 1720) — Estava a ponto de explodir a insatisfação com o rígido controle sobre a exploração das minas, quando Portugal ainda apertou o cerco, instalando as Casas de Fundição. Uma multidão furiosa, chefiada por Filipe dos Santos, foi à casa do governador manifestar sua revolta.

A repressão se mostrou de novo violenta. Preso, Filipe foi enforcado e esquartejado, tendo braços e pernas amarrados em quatro cavalos que partiram em diferentes direções.

2. A crise do Antigo Regime

O auge da crise da colonização brasileira se ligava à crise geral do sistema colonial. Os sinais mais importantes foram três fatos ocorridos na segunda metade do século XVIII: *Revolução Industrial, Revolução Americana* e *Revolução Francesa*. Elas marcaram a transição da Idade Moderna para a Idade Contemporânea.

3. A Inconfidência Mineira (1789)

Dentre as rebeliões ocorridas nos séculos XVII e XVIII, a que mais repercutiu foi a Inconfidência Mineira, tanto pela amplitude, pois envolveu numerosos setores da população, quanto pelo caráter de contestação do próprio sistema colonial. Na época, as minas já se esgotavam e o governo insistia em medidas antipáticas e prejudiciais à população e aos mineradores:

- queria todos trabalhando nas minas, ambicionando por mais ouro;
- proibia engenhos na região, para não deslocar escravos da extração do metal;
- mantinha o monopólio do sal nas mãos de alguns comerciantes;
- fechou fábricas de tecidos: os brasileiros tinham de comprar tecidos de Portugal;
- proibia o uso de estradas para o litoral, temendo o contrabando de ouro;
- cobrava quintos atrasados, mesmo diante da queda da produção.

Tais medidas fortaleciam o sentimento de liberdade, independência, cada vez mais forte. Contribuíam para alimentar tal sentimento as idéias vindas do norte, das colônias inglesas recém-libertadas da Inglaterra (Estados Unidos, 1776), e da Europa, trazidas por estudantes brasileiros que de lá voltavam.

O descontentamento se generalizava mas faltava a organização do movimento. Para isso, uniram-se poetas, escritores, mineradores, militares, padres e populares. Joaquim José da Silva Xavier, o *Tiradentes*, era um militante destacado: vivia viajando pela região, para conquistar adeptos.

O que pretendiam os conspiradores? Os planos estabeleciam que o movimento armado eclodiria no dia em que começasse a cobrança de impostos atrasados. Vitoriosos, os conspiradores proclamariam a República, criariam uma universidade em Vila Rica e fundariam fábricas por todo o país. Um traidor infiltrado avisou o governador, que suspendeu a derrama e mandou prender os principais líderes.

Após intensos interrogatórios, veio a sentença: morte para Tiradentes e expulsão dos outros para a África. Apesar de seu importante papel no movimento, Tiradentes parece ter sido escolhido como bode expiatório. Era preciso salvar a honra de intelectuais e homens ricos, mas também era preciso castigar alguém como exemplo.

Tiradentes foi enforcado e o corpo, esquartejado: a cabeça ficou em Vila Rica; os membros foram colocados em postes na estrada entre Minas e Rio. Destruíram sua casa e jogaram sal sobre a terra, para que ali nem plantas crescessem. Mas não apagaram a chama da liberdade.

4. Conjuração Baiana (1798)

Na Bahia também crescia a insatisfação com a carestia, a falta de produtos, os baixos soldos etc. E também corriam de boca em boca as idéias de liberdade, igualdade e fraternidade, que ecoavam da recente Revolução Francesa (1789). Para discutir e divulgar essas idéias, a burguesia baiana fundou a loja maçônica Cavaleiros da Luz.

Em 12 de agosto de 1798, Salvador amanheceu com papéis afixados nas casas, exortando o povo à revolução. Os panfletos falavam em República, liberdade, igualdade, melhores soldos para os soldados, promoção de oficiais, comércio com todos os povos etc. Um traidor denunciou ao governo dia, hora e local da reunião que daria início ao movimento. Alguns conspiradores conseguiram fugir, mas 49 foram presos, entre eles nove escravos e três mulheres.

Nenhum dos Cavaleiros da Luz estava entre os presos. Os advogados de defesa mostraram que a linguagem dos panfletos estava acima das possibilidades intelectuais dos acusados, homens simples. Mas quatro foram condenados à morte: Luís Gonzaga das Virgens, Lucas Dantas de Amorim Torres, João de Deus do Nascimento e Manuel Faustino dos Santos. Os outros foram expulsos do Brasil.

Para o historiador Affonso Ruy, a conspiração de 1798 foi a primeira revolução social brasileira, por não se tratar de simples motim de quartel, inquietação de descontentes ou levante

de escravos, mas sim de "trabalho lento, persistente, de massas doutrinadas", que pleiteava um governo "onde todas as classes colaborassem", prometendo extinguir "privilégios e restrições à propriedade dos produtos comerciáveis com escoadouro franco nos portos, abertos a todas as nações, além da independência espiritual, com a fundação da igreja brasileira Amerina, desligada da Cúria romana".

A Conjuração também ficou conhecida como Revolta dos Alfaiates, pelo grande número desses profissionais envolvidos. Ao lado de homens letrados e padres, também participaram homens simples, como mulatos, negros libertos e mesmo escravos.

5. Retomada da agricultura

A primeira metade do século XVIII tinha sido um período negro para a agricultura brasileira, pela concorrência de outros produtores de gêneros tropicais e pela concentração de esforços na mineração. Mas no final do século, com a decadência da mineração, ressurgiu a agricultura, reforçando o poder econômico dos plantadores e transformando alguns deles em firmes partidários da liberdade comercial, primeira etapa da independência plena. Podemos perceber por que ocorreu a politização, quando examinamos outros fatos que, junto com o declínio das minas, contribuíram para estimular a agricultura:

- aumento da população européia, com a ampliação dos mercados consumidores de gêneros tropicais;
- a Revolução Industrial, que provocou o crescimento do consumo de matérias-primas, estimulando sua produção;
- a substituição dos tradicionais linho e lã pelo algodão, nativo da América;
- as lutas pela independência que envolveram as colônias inglesas da América do Norte e as francesas das Antilhas, diminuindo o potencial dos concorrentes do Brasil na produção agrícola.

Os três primeiros fatores reforçaram a necessidade do comércio entre o Brasil e todos os países em condições de liberdade, o que contrariava frontalmente os interesses da metrópole.

O que estimulou a produção de *algodão* e outros bens agrícolas no Brasil foi a exportação, praticada regularmente no último quartel do século XVIII. O algodão se desenvolveu mais no Maranhão, estimulado pelos créditos, escravos e ferramentas fornecidos pela Companhia Geral do Comércio do Grão-Pará e Maranhão, que deteve o monopólio da compra e venda de 1756 a 1777.

A nova cultura se difundiu para o Pará e chegou até os atuais Paraná e Goiás. No fim do século XVIII, o Brasil tornou-se um dos grandes produtores mundiais de algodão, situação que perdurou até o início do século XIX. Então, o aumento da produção norte-americana trouxe uma queda nos preços e limitou a produção brasileira.

O *açúcar* também experimentou uma retomada no fim do século XVIII. As antigas regiões produtoras, Bahia e Pernambuco, voltaram ao primeiro plano, mas já despontava nova área produtora, que se tornaria a mais importante do país, a capitania de São Vicente, já com o nome de São Paulo.

Outros produtos tiveram destaque, embora passageiro, no comércio exportador da época: o *arroz* do Maranhão; e o *anil*, que prosperou no Rio de Janeiro, mas logo foi ofuscado pela concorrência da Índia, com produto de melhor qualidade.

Com o renascimento da agricultura, as áreas litorâneas voltaram a ter projeção econômica. Nelas, se desenvolveram os movimentos pela independência. Com o declínio da mineração, a pecuária desenvolveu-se nas capitanias centrais; Minas tornou-se um dos principais centros de criação de gado e produção de laticínios.

Um fator que determinou a curta duração da retomada agrícola no fim do século XVIII foi a falta de progressos técnicos no setor. Por muito tempo continuou-se usando métodos rudimentares e destrutivos, como:

- queimada;
- abandono do solo esgotado, em vez da recuperação dele;
- monocultura;
- separação entre pecuária e agricultura, com desperdício do esterco animal para adubação;
- ignorância e desinteresse em selecionar as melhores variedades de cada produto.

Tudo isso trouxe a devastação desnecessária de florestas e a criação de áreas desérticas e improdutivas. A situação contribui para tornar difícil a vida no Nordeste e em outras regiões brasileiras.

Questões propostas

1. Por que do final do século XVIII ao início do XIX caracteriza-se uma fase crítica do período colonial?

2. Que fatores levaram à Revolta dos Beckman?

3. Quais os motivos da Guerra dos Mascates?

4. Que motivos levaram à Revolta de Filipe dos Santos? O que aconteceu com ele?

5. Que medidas prejudiciais ao povo antecederam a Inconfidência Mineira de 1789?

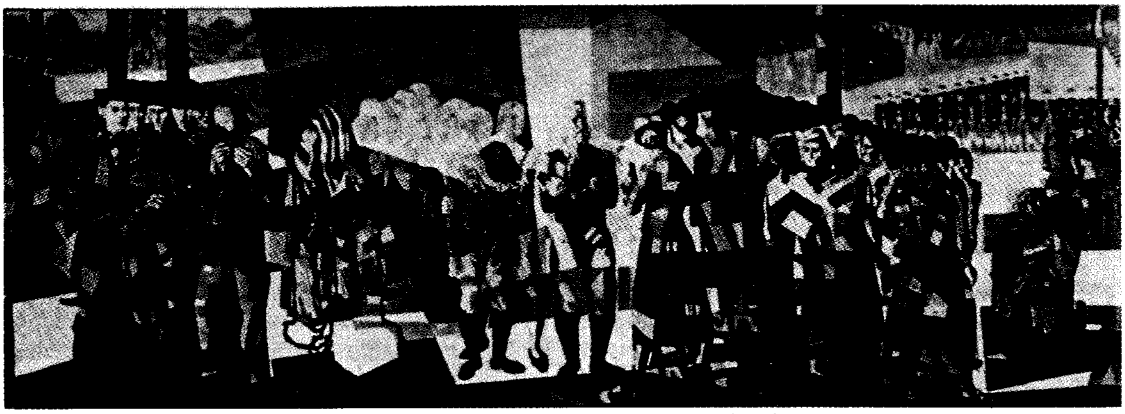
6. O que pretendiam os conspiradores de 1789?

7. Que fim teve a Inconfidência Mineira?

8. Como foi a Conjuração Baiana, de 1798, e por que a consideram a primeira revolução social brasileira?

9. Que fatores contribuíram para a retomada agrícola do fim do século XVIII e quais os seus principais produtos?

10. Por que durou pouco a retomada agrícola no fim do século XVIII?



Tiradentes, em grande painel de Portinari.